

INSTITUTO  
 Documentação  
 Fonte: *Diário Catarinense (SC)*  
 Data: 20/7/1997 Pg  
 Class.: 1714

GERAL ▼ ENTREVISTA/JÚLIO GAIGER

# “Índio não dá voto”, diz Gaiger

Mirian Guaraciaba  
 BRASÍLIA

**F**rustrado, o advogado Júlio Gaiger deixou a presidência da Funai, na última quarta-feira, convencido de que a questão indígena no Brasil não passa de semântica. Gaiger condena o governo, que tratou apenas da demarcação de terras, esquecendo-se do resto. “Ninguém quer cuidar da vida do índio.” Gaúcho de Porto Alegre, 40 anos, Gaiger lembra que o presidente Fernando Henrique lançou um programa abrangente de proteção ao índio, que nunca saiu do papel. “Ficamos no discurso”. A seguir, entrevista concedida por Gaiger um dia depois de deixar a presidência da Funai.

**Agência RBS - A presidência da Funai é missão quase impossível?**

**Júlio Gaiger** - O problema é que o Estado brasileiro não tinha até pouco tempo atrás nenhuma política aceitável porque a idéia era de que os índios seriam assimilados e, portanto, deixariam de existir enquanto comunidade. O Estado negava ao índio o direito à vida e ao futuro e engendrou uma relação de dependência extrema. Nós começamos a mudar isso, concluindo o documento da política indigenista do governo Fernando Henrique, que propunha uma mudança radical de postura. Não avançamos quase nada.

**Agência RBS - Que mudança era essa?**

**Gaiger** - Não mais considerar os índios deficientes ou dependentes, e sim afirmar o direito à preservação da identidade étnica. Mas o governo preferiu atender a uma pauta colocada por organizações internacionais que limita a questão indígena unicamente à questão de terras e não houve capacidade de seus interlocutores de ampliar este enfoque. Tentei algumas vezes falar a respeito com Ruth Cardoso, primeira-dama e antropóloga, mas não fui recebido.

**Agência RBS - A demarcação de terras não é um problema sério?**

**Gaiger** - Na questão de demarcação nós avançamos muito. Até 1999 serão resolvidos todos os problemas fundiários. Hoje faltam 40% dos 95 milhões de hectares de terras indígenas, e nosso ritmo é acelerado. Mas agora parece que nós fomos vitimados pela própria eficiência. No



TELEFOTO AGENCIA RBS/DC

**DESABAFO:** Ex-presidente da Funai afirma que ninguém quer cuidar da vida do índio

momento em que se resolve essa questão, deixamos de estar na lista de prioridades do governo. O presidente Fernando Henrique falou no primeiro aniversário do Programa Nacional de Direitos Humanos referindo-se apenas a terras para índios. Índio é muito mais do que isso.

*“A Funai foi montada há 30 anos com a ideologia de tutela. Ou a Funai passa por uma reestruturação ou nunca será capaz de mudar o quadro atual”*

**Agência RBS - Inclui a reforma da Funai?**

**Gaiger** - A Funai foi montada há 30 anos com a ideologia de tutela. A reforma é

indispensável. Ou a Funai passa por uma profunda reestruturação ou nunca será capaz de mudar o quadro atual.

**Agência RBS - O que o senhor gostaria de ter feito, além da demarcação?**

**Gaiger** - Cuidar da vida deles. Demarcação é dar a base, e o resto?

Índio não é básico. É preciso dar oportunidade de ingresso de renda. Em terras indígenas não é qualquer atividade produtiva que se pode plantar. Por isso é que a

Funai tem um acúmulo de fracassos nessa área. Tenta transplantar para a área indígena modelos que funcionam aqui fora. Nas áreas de saúde e educação, estamos na mesma situação de anos atrás.

**Agência RBS - Como é sua relação com as Organizações Não-Governamentais?**

**Gaiger** - Não acredito que elas estejam comemorando a minha saída. A relação é boa. Quem comemorou minha demissão foram alguns funcionários e os Xavante, que resistem à reforma que estamos propondo.

**Agência RBS - Os Xavante infernizam sua vida à frente da Funai. Como o senhor explica a atitude deste grupo indígena?**

**Gaiger** - Eles são bons de marketing, bons de pressão e têm uma paciência absurda. Esta dúzia de Xavante que tem se revezado em Brasília passa na mídia como os índios do Brasil. Mas ninguém sabe da representatividade deles. Os Xavante precisam ter da parte do governo uma postura que os enquadre. Precisam saber que podemos debater projetos, mas outras coisas não, como a reforma da Funai. Mas, se tiram presidente, quase nunca emplacam o novo. Eles conseguiram uma vez nomear o contador Gerson da Silva Alves, que foi um dos piores presidentes que a Funai já teve, inclusive para eles.

**Agência RBS - O senhor sai frustrado?**

**Gaiger** - Eu aprendi muito sobre a máquina administrativa e é desanimador ver que a classe política e a sociedade não estão preocupadas com a ineficiência do Estado. É claro que é frustrante. É melancólico ver que com toda essa abertura conceitual que começamos a trabalhar o governo não pôde sustentar. O governo fez um programa e não soube implementá-lo. O presidente assinou um documento maravilhoso, mas ficou no discurso. O que me causa indignação é que o processo pode parecer inócuo para o governo, para os funcionários, ou mesmo para mim, que continuarei a minha vida como assessor legislativo na Câmara. Mas os índios pagam um preço alto, sofrem. O governo tinha tudo para fazer uma reviravolta. Tinha discurso, tinha espaço, mas índio não dá voto.

Documentação

OCIOARBIENTAL

Fonte Diário Catarinense (SC)

Data 20/7/1997 Pg \_\_\_\_\_

Class. \_\_\_\_\_

LUX JORNAL

DIÁRIO CATARINENSE  
FLORIANÓPOLIS - SC

PUBLICADO EM:  
20 Jul 1997

										1714
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	------

GERAL ▼ REFORMA AGRÁRIA

# “Cadê o Júlio?”, pergunta Kaingang

Ângela Bastos  
FLORIANÓPOLIS

A Kaingang Ana Luz Fortes do Nascimento, 90 anos, moradora no Toldo do Chimbangue, município catarinense de Chapecó, aproveitou a presença do *Diário Catarinense*, em abril, para contar histórias. Sentada num toco de madeira e pitando palheiro, Ana recordava da luta pela terra onde hoje bota os pés. Acampamentos em Florianópolis e Brasília marcaram o movimento pela posse e demarcação da área. Foi nessa época que Ana conheceu um moço bonito e bem falante que atravessava a fronteira do Rio Grande do Sul com Santa Catarina para conversar com os índios da região. Era Júlio Gaiger.

Aos poucos, a velha índia e o rapaz branco tornaram-se amigos. O jovem sentava à mesa de Ana para comer pirão de mandioca e canjica. À noite, dormia no chão da velha casa. De manhã, entrava na roda do chimarrão e continuava a orientar os kaingang sobre os passos de luta. “Cadê o Júlio”, perguntou Ana à equipe de repórteres responsáveis pela série *Índios do Sul*, publicada de 15 a 19 de abril. A pergunta de Ana sucedia-se às queixas de fome, doenças e denúncias de irregularidades nas áreas indígenas de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Ana reclamava da “distância” do então presidente da Funai.

Da publicação da matéria até terça-feira, a RBS em Brasília bateu à porta do gabinete da presidência da Funai. Gaiger precisava responder sobre as irregulari-



DANIEL CONZI/DCI/abr 97

**POR ONDE ANDA:** Ana Luz reclamou da “distância” do então presidente da Funai

dades - já comprovadas pela Polícia Federal e pela própria Fundação - envolvendo funcionários da Funai e comerciantes da região Oeste. As denúncias de que donos de bodegas se apropriavam das senhas e cartões magnéticos de índios aposentados nos municípios de Marema, Ipuacu e Entre-Rios está confirmada. A PF indiciou quatro comerciantes.

**SEM RESPOSTA** - A conivência de funcionários da Administração Regional da Funai, em Chapecó, também. O administrador Ademir Migliavaca, que admitiu saber do estelionato, arrendamento de terras, exploração de madeira e irregularidades também na emissão de salário-maternidade, foi afastado do cargo. A Superintendência do INSS em Santa Catarina está fazendo o recadastramento dos índios aposentados.

Gaiger sabia das irregularidades antes da publicação, revelou uma liderança indígena. O assunto teria sido levado por caciques de áreas localizadas no Sul do país, que também falaram do constrangimento a que indígenas estavam condicionados por parte do chefe do posto de Xapecó, Valdo Correia da Silva, que utiliza o poder para intimidar. Gaiger vinha evitando contatos com a imprensa, sob alegação de que estava sempre em reuniões ou viagens.

Os assessores se encarregavam das justificativas. Gaiger preferiu indicar o diretor de assistência da Fundação, Ronaldo de Oliveira, para falar das irregularidades. Assim como a Kaingang Ana Luz, muita gente perguntou por Júlio.